

**ORALIDADE X ESCRITA NO LIVRO DIDÁTICO**  
**DE PORTUGUÊS (5ª A 8ª séries):**  
**ASPECTOS DE UMA RELAÇÃO**

*Saul Cabral Gomes Júnior\**

***Resumo:** Este artigo tem como propósito verificar se o livro didático de Português (5ª a 8ª séries) já está assimilando a concepção textual-discursiva da oralidade. Ao se estabelecer tal concepção, possibilita-se a demonstração de que fala e escrita confluem para o uso lingüístico do indivíduo. Adotaram-se como corpus seis coleções didáticas de Português. Algumas dessas coleções são utilizadas na rede particular de ensino; outras, na rede pública.*

***Palavras-chave:** português; ensino; livro didático; oralidade; escrita.*

## **Introdução**

Marcuschi (2001b) destaca a importância do livro didático de Português como recurso de aprendizagem por meio do qual a língua falada seja integrada ao ensino de língua materna, veiculando-se aspectos típicos da produção oral e possibilitando-se que se desenvolvam as habilidades de expressão e compreensão oral. Desta forma, o manual didático pode servir como o veículo de uma abordagem produtiva da modalidade oral, isentando-a de ser tratada didaticamente como uma modalidade subsidiária da escrita.

Uma abordagem produtiva consiste em dirigir à fala atividades por intermédio das quais se possa concebê-la como prática textual-discursiva, concepção a partir da qual se pode explicitar que a modalidade oral possui recursos próprios, cuja demonstração possibilita que se atribua ao oral uma especificação, que é incluída, por Milanez (1993), entre os aspectos a serem considerados ao se integrar a oralidade ao ensino de Português. Os aspectos, explicitados pela autora, são três: o primeiro é a determinação dos objetivos da prática da oralidade no ensino de língua materna, tomando-se como base a meta de tornar consciente o que é intuitivo no aluno a respeito da língua falada, com a finalidade de fazê-lo aperfeiçoar suas habilidades comunicativas em sociedade; o segundo é a especificação da língua falada – cujo funcionamento se distingue do da escrita por uma série de traços e regras próprias – anulando-se a impressão de que só se fala a língua (e bem) a partir da

---

\* Mestre em Língua Portuguesa (FFLCH/USP).

escrita; o terceiro é a diversidade do oral, considerando-se a grande variedade de tipos de produções orais<sup>1</sup>.

Partindo-se da concepção da fala como prática textual-discursiva, pode-se explicitar, também, que juntamente com a modalidade escrita, conforme explicita Marcuschi (2001a), ela converge para o contínuo dos gêneros textuais produzidos pelo indivíduo. Pode-se expor essa convergência ao estudante desde a 5ª série, na qual se inicia a atuação do professor de Português. A partir da série citada, podem-se consolidar as noções de oralidade cedidas até a 4ª série e elaborar atividades que permitam, ao aluno, chegar ao Ensino Médio habilitado a reconhecer o caráter textual-discursivo da fala. Desta forma, o Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série faz-se o período adequado para que se desenvolva, no discente, a capacidade de assimilar as propriedades intrínsecas ao uso da língua materna, em suas modalidades oral e escrita. Em virtude dessa adequação, optou-se, neste trabalho, pela análise do manual didático de Português utilizado no referido nível de ensino.

Para constituir o corpus desta pesquisa, composto por manuais correntes na rede pública e por livros utilizados na rede particular, adotaram-se 06 (seis) coleções didáticas de Português, a saber: ALP: Análise, Linguagem e Pensamento; A palavra é PORTUGUÊS; Encontro e reencontro em língua portuguesa; Interação e transformação: língua portuguesa; Português: leitura e expressão; e Português: linguagens.

## **1 – Em busca da relação fala X escrita**

### **1.1) Referencial acerca da oralidade: uma análise no corpus**

Anteriormente a se investigar a relação instituída entre fala e escrita no corpus, faz-se conveniente descrever<sup>2</sup> os referenciais teóricos que os autores dos manuais analisados destinam à oralidade. Partindo-se dessa descrição, permite-se relacionar as concepções de oralidade vigentes no corpus aos referenciais adotados nas coleções em questão, sobre os quais se assentam os tratamentos que os autores destinam à modalidade oral.

Tal descrição não se faz possível em Português: leitura e expressão e Interação e transformação. Ao final dos volumes que integram essas coleções – nas quais sobressai a concepção da oralidade como ação natural, destinada a ser simplesmente praticada, sem que a ela se dirija algum tipo de investigação textual-discursiva – não se verifica, sequer, uma bibliografia.

Nas coleções Encontro e reencontro em língua portuguesa e A palavra é PORTUGUÊS – nas quais prepondera a concepção da oralidade como exercício do lúdico, como um meio para que o aluno brinque ao se valer da modalidade oral – as bibliografias

---

<sup>1</sup> Pode-se observar que este terceiro aspecto deve ser levado em conta não apenas no que se refere à abordagem da oralidade, mas ao ensino de língua materna como um todo, pois a *diversidade* é intrínseca, também, à escrita.

<sup>2</sup> A partir dessa descrição, ao se fazer necessária a transcrição de fragmentos do *corpus* investigado, adotar-se-á o seguinte esquema de citação: sigla do livro (acrescentada da série escolar à qual se dirige a obra mencionada) seguida imediatamente do(s) número(s) da(s) página(s) da(s) qual (is) se extraiu a passagem.

consistem, predominantemente, nas listagens das obras literárias<sup>3</sup> e metaliterárias citadas pelos autores. Na segunda coleção mencionada, nota-se o acréscimo de determinadas gramáticas e de alguns dicionários. Nessas coleções, portanto, não se identifica um referencial teórico voltado para as modalidades lingüísticas.

Na bibliografia adotada em Encontro e reencontro em língua portuguesa, figura Fanny Abramovich, autora que dedica produções literárias ao público infanto-juvenil. Na referida bibliografia, inclui-se Abramovich (1999), obra ensaístico-didática<sup>4</sup>, na qual a escritora reflete sobre contar histórias. Ao efetivar essa reflexão, Abramovich (op. cit.: 18) deixa transparecer uma concepção da oralidade como exercício do lúdico:

Para se contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Para a escritora, é fundamental perceber a sonoridade intrínseca às frases que formam o texto a ser narrado. A modalidade oral servirá, nesse caso, para expressar o ritmo próprio da história a ser relatada, constituída de palavras das quais deriva um jogo de interpretação, a ser efetuado por meio da voz do narrador.

Na concepção de Abramovich (op. cit.: 21), manifesta-se a sublimação da voz:

AH, É BOM SABER USAR AS MODALIDADES E POSSIBILIDADES DA VOZ: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopéias, os ruídos, os espantos... Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição... [grifo da autora]

Contar uma história, buscando empreender as possibilidades da voz acima citadas, é uma atividade à qual a autora de Encontro e reencontro em língua portuguesa convida o aluno, recomendando ao professor que o estimule:

Literatura oral

---

<sup>3</sup> Estas obras consistem, essencialmente, em coletâneas de poemas ou de contos, que permitem aos autores das referidas coleções utilizarem recursos como *jograis* e *dramatizações* para sobrelevar a prática lúdica da oralidade.

<sup>4</sup> Nesta obra, prevalece o *registro coloquial*, variação que a autora adota, predominantemente, ao escrever seus livros.

Na literatura oral encontramos os causos, histórias que estão vivas na memória do povo e que são contadas ao pé do fogo, nas fazendas, nas reuniões de compadres e comadres, nas histórias que os mais velhos contam às crianças.

Veja algumas histórias:

de tesouros enterrados

de saci

de bruxa

de mula-sem-cabeça

de lobisomem

de boitatá

de fantasma, assombração, aparição

Adaptado de Folclore brasileiro, Roselys Vellozo Roderjan.

→ Você não quer contar um “causo”?

Estimular para a hora de contar, recontar. [grifos da autora]

(ERLP – 6ª, 209)

Em Português: linguagens, não se encontram referências bibliográficas acerca da oralidade. A fundamentação lingüística edificada pelos autores se destina, com efeito, à escrita. Ao final dos manuais que integram essa coleção, verifica-se a listagem de obras de lingüistas voltados para a produção do texto escrito, entre os quais se situa Ilari (1992).

Para ser bem-sucedido no exercício da redação, o aluno necessita observar anteriormente uma referência e encontrar-se motivado a escrever, conforme a assertiva de Ilari (op. cit.: 70):

A importância da leitura, da observação e da motivação são coisas evidentes para qualquer educador interessado em problemas de redação ou outros, e posto que seu peso relativo pudesse ser discutido em função do grau de escolaridade, da idade dos alunos, das condições psicológicas em que se encontra a classe ao redigir, trata-se de ingredientes virtualmente presentes em qualquer exercício de redação bem-sucedido.

A observação prévia de um texto e a motivação a escrever, dois fatores citados por Ilari (op. cit.), são levados em conta ao se elaborar, em Português: linguagens, uma proposta de redação. Atente-se ao fragmento abaixo:

Agora é a sua vez

Apresentamos, a seguir, o início de dois contos de escritores brasileiros. Escolha um deles e dê continuidade à narrativa. Se preferir, escreva um conto com um assunto diferente dos propostos.

Quando eu e minha prima descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.
---

(Lygia Fagundes Telles. Venha ver o pôr-do-sol e outros contos. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 35.)

Antes o telefone tocava e eu nem ligava. Agora fico torcendo, rezando. Morrendo de medo da minha mãe descobrir ou desconfiar.

(Vivina de Assis Viana. Sete faces do amor. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1992. p. 78.)

Ao escrever seu conto, tenha em mente que ele fará parte do livro que seu grupo irá produzir e expor na mostra Quem conta um conto aumenta um ponto, proposta no capítulo Intervalo desta unidade. [grifos dos autores]  
(PL – 8ª, 23)

Percebe-se na citação anterior, além da exposição de excertos literários que servirão como referência para que o aluno redija seu texto, a assumpção do compromisso de incluir o conto do estudante em um livro. Desta maneira, além de se ceder um ponto de observação a partir do qual o aluno assimile a estrutura do texto solicitado, propõe-se a exposição do conto escrito pelo discente, proposição que se constitui elemento de motivação para a produção do conto.

Na coleção ALP, integra-se Vigotsky (1991) às referências bibliográficas. O teórico russo concentrou seus estudos, predominantemente, no texto escrito. Em algumas de suas considerações, Vigotsky (op. cit.: 122) chega a estabelecer a dicotomia escrita planejada X fala não-planejada:

A comunicação por escrito baseia-se no significado formal das palavras e requer um número muito maior de palavras do que a fala<sup>5</sup> oral, para transmitir a mesma idéia. Dirige-se a um interlocutor ausente, que muito poucas vezes tem em mente o mesmo assunto que o escritor. Portanto, deve ser muito mais desenvolvida: a diferenciação sintática deve chegar ao seu ponto máximo, e devem-se usar expressões que soariam artificiais na conversação.

No trecho acima, Vigotsky ressalta o planejamento a que a escrita, por ser um meio formal de empregar as palavras, estaria submetida. Desse planejamento, estaria isenta a fala, por ser uma atividade comunicativa em que há um interlocutor presente, que facilita a troca de informações na qual se materializa o diálogo.

O planejamento do texto escrito, processo ao qual se volta prioritariamente Vigotsky, é um ponto no qual se detêm os autores de ALP. Ao proporem a elaboração de um livro de contos, por exemplo, estabelecem uma pormenorizada diretriz:

Vamos montar um livro de contos da classe.

Escolha um assunto para tema, um tipo de conto (aventura, fantástico, psicológico etc.), pense sobre o ambiente, as personagens, o conflito e o desfecho. Escreva seu conto.

Depois de produzido, seu texto vai passar por um processo de edição.

---

<sup>5</sup> Vigotsky utiliza o termo *fala* como sinônimo de “produção lingüística”. Assim, na concepção do teórico russo, a *fala* pode ser oral ou escrita.

1. Peça para um colega ler, assinalando as correções necessárias.
2. Verifique mais uma vez se:
  - as idéias estão bem distribuídas nos parágrafos;
  - a pontuação está adequada;
  - a ortografia está correta.
3. Peça para o professor ler e comentar; corrija o que for necessário.
4. Defina, com a ajuda do professor, o tamanho da página do livro.
5. Escolha o tamanho da letra do título e do texto.
6. Passe a limpo, na página escolhida, com sua própria letra, datilografado ou digitado. Cuide da distribuição do texto na página.
7. Criem a ficha catalográfica, colocando título, autores, editora, criador da capa, local e ano da publicação.
8. Montem o livro e, depois, deixem à disposição na biblioteca da escola.

(ALP – 8ª, 79)

Dentre as coleções analisadas, somente ALP chega a conter algumas referências sobre a oralidade. Dessas referências, a mais significativa é Azevedo & Tardelli (1998). Ao tratarem da configuração da oralidade em sala de aula, Azevedo & Tardelli (op. cit.: 26) mantêm uma visão textual-discursiva:

Decorrente das situações de interação social – dentro ou fora do ambiente escolar – a oralidade emerge em sala de aula de maneira informal, numa pluralidade de falas (aqui consideradas como manifestações orais dos alunos) que constitui uma instância discursiva marcada pela heterogeneidade (...). É o momento em que o conteúdo circundante permeia o tema central estudado, configurando um cruzamento de vozes que caracteriza o processo de interação/interlocução entre professor/aluno, aluno/aluno.

Indícios de uma perspectiva textual-discursiva da oralidade, consonante com aquela adotada pelas autoras referidas acima, podem ser apreendidos de uma atividade presente em ALP, na qual transparece o propósito de se demonstrarem especificidades da modalidade oral:

Em grupo, gravem uma conversa entre duas pessoas ou então escutem um diálogo entre dois colegas da classe e registrem, no caderno, exatamente o que e como foi falado. Depois, releiam e escrevam quais as expressões presentes no registro de vocês que as pessoas não usam normalmente na escrita.

(ALP – 5ª, 52)

Percebe-se, portanto, que a maioria das coleções analisadas carece de uma fundamentação lingüística voltada para a oralidade, carência que pode ser considerada um fator determinante para a vigência das concepções de oralidade como ação natural e como exercício do lúdico.

## 1. 2) A relação estabelecida: informatividade da escrita X não-informatividade da fala

*Marcuschi (2001a: 25-26) conceitua fala e escrita, situando-as no plano das modalidades de uso da língua:*

A *fala* seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

A *escrita* seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. [grifos do autor]

Porém, nas coleções investigadas, *modalidade de uso lingüístico* é uma qualificação atribuída, quase exclusivamente, à escrita. Ao trabalharem com a oralidade, os autores dos manuais analisados a exploram, geralmente, sob o aspecto de *prática social*. Esse aspecto nos remete ao estado original da oralidade, como se percebe na conceituação efetuada por Marcuschi (op. cit.: 25): “A *oralidade* seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. [grifo do autor]”.

Ao se explorar a oralidade como prática social, estabelecem-se atividades como debates e dramatizações, que são importantes para a socialização entre os alunos e, por conseguinte, para o processo ensino/aprendizagem. Ressalte-se, no entanto, que o ensino de Português requer uma exploração mais profunda da oralidade, que lhe perscrute as características textual-discursivas. A partir dessa investigação, pode-se trabalhar, especificamente, com a *fala*, modalidade textual-discursiva por meio da qual se consolidam os gêneros textuais orais.

A oralidade tem seu lugar assegurado no ensino de língua materna, pois consiste em uma prática socializante, por intermédio da qual se pode desinibir os estudantes, com vistas, primordialmente, às atividades em grupo. Não se pode, entretanto, circunscrever a oralidade a uma prática social. É necessário investigá-la até alcançar a modalidade falada, pela qual se materializam as distintas práticas lingüísticas orais, cuja identificação pelo aluno é condição para que este se torne um usuário proficiente da língua.

Nas coleções analisadas, a abordagem da oralidade, de modo geral, exclui a *textualidade*, a capacidade humana de criar textos, tanto na modalidade falada quanto na escrita, conforme conceituam Fávero & Koch (1988). Ao se associar a *textualidade* à

oralidade, situa-se a investigação da modalidade oral no plano do *uso da língua*. Chega-se, portanto, à fala.

Para que a textualidade se manifeste, uma formulação lingüística deve apresentar algumas propriedades que possibilitem reconhecê-la como um *texto*. Dentre essas propriedades – ou *princípios de textualidade* – destaque-se a *informatividade*, atribuída pelos autores das coleções em questão, quase exclusivamente, à escrita. No *corpus* investigado, concede-se absoluta prioridade à exposição das informações intrínsecas ao texto escrito (especificidades da modalidade escrita, tipos de produção escrita, convenções da ortografia etc.), conferindo-se à oralidade um caráter de prática *superficial*, destituída de informações que permitam classificá-la como forma de produção lingüística.

Mesmo nas atividades em que se identificam referências a peculiaridades da modalidade oral (como a entonação, por exemplo), a carência de um embasamento lingüístico voltado ao texto falado impede que tais recursos próprios da fala sejam focalizados de modo produtivo. A *informatividade* da escrita e a *não-informatividade* da fala se evidenciam, como concepções vigentes no *corpus* analisado, nos fragmentos a seguir:

#### 1) ALP:

#### **Situação de criação: produção oral**

Vamos preparar uma noite cultural sobre o Brasil para apresentar para pais e alunos da escola.

- Forme um grupo e pesquisem na biblioteca poemas ou textos que permitam uma apresentação através de leitura jogralizada.
- Preparem o texto para jogral, assinalando os cortes, as falas de cada pessoa ou grupo e a fala de todos.
- Ensaíem a hora de entrada de cada um, treinem a dicção (o jeito de falar cada palavra) e verifiquem a seqüência das frases, para que o ouvinte entenda perfeitamente o significado do texto lido.
- Combinem com seu professor e marquem uma data para a apresentação de todos os jograis das classes de 7ª série.
- Convidem pais e amigos. Para isso, é interessante redigir um convite, com nome do evento, data e local. [grifo dos autores]

(ALP – 7ª, 64)

## Situação de criação: produção escrita

### Sobre a alimentação

A alimentação não é igual para todos os animais. Existem animais que se alimentam de plantas, como as vacas, que chamamos herbívoros, e animais que se alimentam de carne, chamados carnívoros.

Os animais carnívoros costumam ser mais agressivos. Os herbívoros, ao contrário, são pacíficos.

Os carnívoros geralmente têm grandes caninos para rasgar a carne e também incisivos muito afiados. No entanto, os herbívoros têm incisivos preparados para cortar as plantas e os molares pontiagudos para triturar.

Sobre a alimentação é um **texto expositivo-científico**, isto é, apresenta informações científicas e pode ser assim representado [grifos dos autores]:  
(ALP – 7ª, 126-127)

Escreva, a partir do esquema abaixo, um texto expositivo:

(ALP – 7ª, 128)

Na proposta de atividade oral citada anteriormente, concentram-se as orientações na prática lúdica da oralidade. A leitura jogralizada é a atividade para a qual se voltam as instruções elaboradas pelos autores. Tal atividade consiste na oralização de um poema de cunho dramático, no qual várias vozes de personagens se pronunciam.

O jogral é uma prática destinada a estimular a desinibição dos alunos, por meio da exploração coletiva da expressividade contida em um texto poético. Não se trata, portanto, de uma atividade que isoladamente, como se estabelece na proposta em análise, revele especificidades textual-discursivas da fala. Ao se eleger a leitura jogralizada como atividade oral, prescinde-se das informações que a fala, como prática textual-discursiva, pode oferecer.

Na proposta de atividade escrita, verifica-se, pelo contrário, uma exploração considerável da informatividade da escrita, especificamente no que se refere à caracterização do texto expositivo-científico. Primeiramente, apresenta-se um texto pertencente a esse gênero, Sobre a alimentação. Em seguida, expõe-se uma peculiaridade fundamental desse tipo de texto: conter dados científicos. Posteriormente, efetiva-se uma representação gráfica da maneira como as idéias se organizam no texto apresentado.

Tal representação é essencial para que se instaure a noção de organicidade, propriedade atribuída com nitidez, na proposta em análise, ao texto expositivo-científico, do qual os autores de Português: linguagens depreendem uma série de informações. A partir da concessão dessas informações, institui-se a concepção da escrita como modalidade passível de ser sistematizada.

Essa atribuição de um caráter sistemático à escrita transparece, com bastante evidência, na apresentação de um esquema de texto expositivo-científico, no qual o aluno deverá basear a elaboração do seu próprio texto. Ao se apresentar esse esquema, toma-se a escrita na perspectiva de prática sistemática, ou seja, de atividade cuja descrição oferece parâmetros para sua reprodução.

**2) A palavra é PORTUGUÊS: Escrevendo bilhetes** O bilhete é uma forma rápida de comunicação, utilizada nas mais variadas situações. Serve para deixar recados, para cumprimentar pessoas, para fazer pedidos e agradecimentos e também para expressar sentimentos, como o bilhete que os amigos da Zeca [protagonista do conto “O goleiro do time”, de Edson Gabriel Garcia] escreveram para ela ao entregar-lhe o novo blusão de goleiro.

Você tem abaixo algumas duplas de palavras. Escolha três duplas e escreva três bilhetes, usando as palavras em situações que você vai inventar .

amigo – desculpas

d) patrão – convite

amiga – flores

e) professora – prova

mãe – pedido

[grifo das autoras]

(APEP – 6ª, 129-130)

### **Linguagem oral**

Hoje nosso time entra em campo

A classe, dividida em grupos, vai fazer um animado campeonato de narradores de futebol.

Cada grupo escolhe um time de futebol e faz a escalação do time, como a personagem Marcel do texto O goleiro do time. Depois escreve uma seqüência de aproximadamente cinco jogadas que termina num gol espetacular, ou numa defesa sensacional do goleiro do time adversário, ou numa decepcionante saída de bola pela linha de fundo, ou, quem sabe, em algo inesperado.

Terminada a criação do time e do texto, cada grupo elege um narrador para representá-lo. Enquanto o narrador faz a narração oral das jogadas, o seu grupo pode fazer as vezes da torcida do time, com palavras de encorajamento e palmas para seus jogadores.

[grifos das autoras]

(APEP – 6ª, 135-136)

Na proposta de atividade escrita, observa-se a especificação do gênero bilhete, ao qual se atribui o conceito de forma rápida de comunicação, empregada nas mais diversas situações. Nota-se, também, a exposição de metas comunicativas que demandam a produção desse gênero textual: transmissão de recados, solicitação de algo, manifestação de gratidão. A apresentação dessas informações possibilita que o aluno apreenda as características básicas do bilhete, apreensão fundamental para que o estudante se torne apto a elaborar esse gênero de texto escrito.

Na proposta em questão, posteriormente à explicitação de peculiaridades do bilhete, solicita-se a elaboração desse texto escrito. Ao se solicitar essa produção, enfileiram-se duplas de vocábulos – amigo-desculpas, mãe-pedido, patrão-convite – que se associam semanticamente às utilidades comunicativas atribuídas ao bilhete. Estabelece-se, portanto, uma vinculação imediata entre a caracterização do bilhete e a requisição para que se

produza esse tipo de texto. Tal vinculação favorece a assimilação da padronização<sup>6</sup> própria de um gênero textual.

Na proposta de atividade oral, solicita-se a simulação de um jogo de futebol, a partir da qual os alunos farão a narração de lances da partida. Anteriormente a essa narração, não se reserva espaço para a exploração de características do texto oral requisitado, como as expressões peculiares e o ritmo de fala adotado pelo locutor de futebol.

A proposta em análise se restringe a uma sugestão de exercício lúdico do oral, baseada na requisição de um texto falado cuja caracterização não é efetivada. Percebe-se, desta maneira, que a informatividade da fala não é trazida a lume.

### 3) Encontro e reencontro em língua portuguesa:

#### PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTO

Sugestão 1 – Criar uma propaganda

Anúncio – Propaganda

O anúncio é um pequeno texto que informa necessidades, interesses em negócios.

A propaganda, normalmente, é feita para anunciar a venda de algum produto.

Na propaganda existe:

slogan: frase curta, chamativa, que destaca as qualidades do produto;

texto: é feito para convencer o leitor ou espectador da importância do produto;

ilustração: foto, desenho ou gravura que acompanha o texto e realça o produto.

→ Agora, escolha um produto e crie uma propaganda inteligente!

Sugestão 2 – Narração

→ Observe a ilustração. Faça uma narração oral a partir das cenas que vê. [grifos da autora]

(APEP – 6<sup>a</sup>, 280-281)

No excerto anterior, observam-se as conceituações de dois gêneros textuais pertencentes à publicidade escrita: anúncio e propaganda. Além disso, constata-se uma caracterização do texto requisitado: propaganda escrita. Ao se caracterizar esse tipo de produção escrita, explicita-se a função apelativa do slogan e do texto, recursos lingüísticos fundamentais para que o efeito persuasivo da propaganda escrita se estabeleça.

A proposta de narração, por sua vez, é desprovida de uma caracterização prévia do texto solicitado. A narração oral é requisitada sem que se forneçam, anteriormente, informações acerca desse tipo de formulação textual, a exemplo da necessidade de se empregarem conectivos que relacionem as situações relatadas.

No trecho em análise, a informatividade da escrita é substancialmente demonstrada, ao se apresentarem especificidades da propaganda escrita. Nesse fragmento, entretanto, não

---

<sup>6</sup> A *padronização*, enquadramento de um texto em um conjunto de características que o tornem adequado a uma situação específica de uso da língua, é um conceito arraigado na noção de *gêneros do discurso*, proposta por Bakhtin (1997), ao se referir aos tipos de enunciados por meio dos quais se expressam as distintas esferas de utilização da língua.

se faz referência à informatividade da fala. Da exploração dessa modalidade lingüística, prescinde a referida proposta de narração, a qual se baseia na simples prática da oralidade.

#### 4) Interação e transformação:

##### Discriminação

◇ Com certeza, você já ouviu ou leu esta palavra em algum lugar. Forme um grupo e discuta com seus colegas o que cada um entende por discriminação. Quando todos os grupos formados na classe tiverem terminado, abram uma roda e comparem todas as definições.

◇ Um cidadão que se cala diante de uma situação injusta, torna-se cúmplice da injustiça. Uma sociedade que se cala diante da injustiça perpetua o ódio, a revolta e o medo... Seu grupo concorda com essa idéia?

◇ É possível estabelecer uma relação entre a discriminação e suas conseqüências com o seguinte poema de Carlos Drummond de Andrade?

Congresso internacional do medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,

que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.

Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,

não cantaremos o ódio porque esse não existe,

existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,

o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,

o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,

cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,

cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,

depois morreremos de medo

e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas. [grifos das autoras]

(IT – 8ª, 09)

De leitor a escritor

O tema central deste Estudo, a questão da liberdade, é muito amplo. Por isso, para elaborar sua dissertação, você pode optar por liberdade em determinado contexto: escola, adolescência, profissão, namoro, família...

Qualquer que seja o contexto que você escolher, as etapas abaixo podem auxiliá-lo a elaborar um texto claro com justificativas coerentes.

Uma dissertação pode ser organizada em três etapas:

introdução

desenvolvimento

conclusão

A introdução deve apresentar a idéia central; é o parágrafo que introduz o tema.

O desenvolvimento deve expor os argumentos que irão provar a idéia apresentada na introdução.

A conclusão deve assegurar a coerência da proposta dissertativa, ou seja, deve “atar” todas as idéias discutidas sobre a idéia central.

Geralmente a introdução e a conclusão correspondem a um parágrafo cada, e o desenvolvimento a mais parágrafos. Nem todos os textos dissertativos seguem esta organização, mas é uma forma de assegurar a coerência de suas idéias. [grifo das autoras] (IT – 8ª, 119)

Na proposta de atividade oral, verificam-se orientações para a execução de um debate. Não há, porém, uma caracterização do debate como prática lingüística, que consiste em uma alternância de turnos construídos por indivíduos dispostos a argumentar, a estabelecer oralmente a articulação de suas idéias sobre um determinado tema. Trata-se, portanto, de uma prática lingüística em tempo real, fundamentada em uma argumentação elaborada oralmente.

Essa instantaneidade, inerente à atividade conversacional, deverá ser conciliada com uma exposição consistente de idéias. Para que essa conciliação se efetive, exigir-se-á que o debatedor utilize estratégias específicas de formulação textual, em cuja descrição se deve assentar uma análise lingüística do debate.

Conduzir o aluno à observação dos recursos lingüísticos empregados pelo debatedor não é um objetivo adotado na proposta em questão, na qual se prescinde das informações textual-discursivas a serem apreendidas do debate. A argumentação, procedimento intrínseco ao debate, é citada somente na proposta de atividade escrita, na qual é sugerida a elaboração de um texto dissertativo sobre a liberdade.

Nessa proposta de atividade, contrariamente ao que se nota na proposta dirigida à oralidade, há um fornecimento de informações acerca do texto requisitado. Oferece-se, inclusive, um esquema de composição textual, baseado na forma como se preconiza tradicionalmente a organização do texto dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão. Desta maneira, deixa-se evidente a informatividade da escrita.

## **5) Português: leitura e expressão:**

### Sugestão para leitura oral

Agrupados em equipes de 5 ou 6 elementos, os alunos deverão dividir o texto [“Glória”, crônica de Carlos Drummond de Andrade] por assuntos, de forma que cada aluno fique responsável pela leitura de um trecho.

A classe deve observar que a ausência de parágrafos exige que a leitura seja dinâmica e imite o ritmo da fala. [grifo das autoras]

(PLE – 7ª, 21)

## Técnica de composição

Observe como Drummond organizou a conversa de D. Clementina com o bigodudo, para dar mais rapidez e leveza ao texto:

Aí eu disse: O senhor me desculpe, mas eu não sei escrever, a cabeça não dá. Então nada feito outra vez, o bigodão respondeu. Aí eu não tinha mais vontade de chorar e disse assim pra ele: Escuta aqui, moço, quanto é que meu filho tem pra receber? Ele respondeu: 50 cruzeiros. Ah, é isso?, respondi. Pode ficar pra agência.

Observe agora a organização usual do diálogo:

Aí eu disse:

O senhor me desculpe, mas eu não sei escrever, a cabeça não dá.

Então nada feito outra vez, o bigodão respondeu.

Aí eu não tinha mais vontade de chorar e disse assim pra ele:

Escuta aqui, moço, quanto é que meu filho tem pra receber?

Ele respondeu:

50 cruzeiros.

Ah, é isso? – respondi. – Pode ficar pra agência.

Reescreva os trechos abaixo, utilizando a mesma pontuação de Drummond. Em caso de dúvida, consulte o texto “Glória”.

a) Aí um dos homens falou assim pra ele:

– Quer fazer um teste, ó garoto?

– O que é um teste? – ele respondeu.

Aí o homem explicou, não sei bem qual é a explicação.

b) Aí mandaram ele pra casa, não, antes falaram assim pra ele:

– Manda seu pai aqui na agência receber o cachet.

Ele ficou espantado, falou assim.

– Que troço é esse?

Eles responderam:

– É tutu.

Aí ele baixou a cabeça e respondeu baixinho:

– Eu não tenho pai.

– E mãe você tem?

Ele respondeu que mãe ele tinha, e levantou a cabeça. [grifo das autoras]

(PLE – 7ª, 25)

Na proposta de atividade dirigida à oralidade, sugere-se a divisão do texto “Glória”, para uma leitura oral. Expõe-se que, devido ao fato de quase todo o texto se constituir um único parágrafo (vide Anexo), a leitura deve ser dinâmica, buscando imitar o ritmo da fala. Não se apresentam, no entanto, informações acerca desse ritmo: constituição supra-segmental, características, variações de acordo com a situação. Por não comportar essa especificação do ritmo da fala, a proposta mencionada termina por conduzir o aluno, estritamente, à prática lúdica da oralidade.

Na proposta de atividade escrita, nota-se o fornecimento de um modelo de texto escrito, que deverá ser reproduzido pelo estudante. O discurso indireto construído por Drummond é empregado, portanto, para que o aluno assimile um aspecto constitutivo da escrita: os distintos modos de pontuação.

Esses diferentes modos integram uma camada mais ampla: o(s) formato(s) do texto escrito. É nesse estrato que se concentra a informatividade explorada pelos autores. Na

proposta em questão, o diálogo literário, por meio do qual se poderia analisar a tentativa de se reproduzir a fala no texto literário, é utilizado, restritamente, para se abordar um aspecto do texto escrito.

## **6) Português: linguagens:**

### **Leitura expressiva do texto**

Dois alunos lêem a 1ª cena [da crônica “Antes e depois”, de Moacyr Scliar]. O primeiro faz o papel da mãe, lendo com uma voz ora áspera e autoritária, ora mansa e carinhosa, de acordo com a situação. O outro aluno lê colocando-se no papel da esposa, enfatizando os trechos que dão idéia de desprezo e descrédito. Outros pares de alunos poderão ler as demais cenas, procurando a entonação adequada a cada personagem. [grifo dos autores]

(PL – 7ª, 54)

Para escrever com coerência e coesão

### **A CONECTIVIDADE**

Um texto não é simplesmente um amontoado de palavras e frases. Para fazer sentido, ele precisa ter textualidade, isto é, deve apresentar articulação de idéias (a coerência) e articulação gramatical entre palavras, orações, frases e partes maiores (a coesão).

O texto abaixo [de Mário Quintana] não apresenta textualidade, porque foram suprimidas algumas palavras essenciais para a construção de seu sentido. Veja:

### **DA PAGINAÇÃO**

Os livros poemas devem ter margens largas muitas páginas em branco suficientes claros nas páginas impressas, as crianças possam enchê-los poemas gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas que passarão também a fazer parte dos poemas... [grifos dos autores]

(PL – 7ª, 188)

Na proposta de atividade escrita, expõe-se uma característica fundamental da língua: a conectividade. No entanto, do modo estabelecido pelos autores, deixa-se parecer que se trata de uma característica verificável somente na escrita. A existência da conectividade seria, desta maneira, uma informação a ser depreendida, restritamente, da escrita.

Na proposta em questão, de certa forma, circunscreve-se a própria textualidade ao texto escrito, pois, ao se discorrer sobre ela, não se menciona o texto falado. Far-se-ia conveniente explicar que a textualidade – e, dentro dela, a conectividade – é inerente,

também, à fala. Nessa explanação, ao se mencionar a conectividade, poder-se-iam expor os meios distintos pelos quais ela se opera na fala e na escrita.

Na proposta de atividade oral, sobreleva-se a prática lúdica da oralidade. A citação da entonação, única menção à fala, não é acompanhada de informações que permitam compreender esse elemento fonológico como integrante do texto oral.

## **Conclusão**

No corpus investigado, em virtude da carência de uma fundamentação lingüística voltada para a modalidade oral, pôde-se constatar uma nítida predominância de atividades nas quais se concebe a oralidade como ação natural e como exercício do lúdico. Essas atividades possuem inegável relevância, já que promovem a socialização entre os alunos. Entretanto, não devem prevalecer às atividades geradas a partir da concepção da oralidade como prática textual-discursiva, que se manifesta lingüisticamente por meio da fala.

Ao se estabelecer tal concepção, contribui-se, fundamentalmente, para que o estudante se torne um usuário proficiente da língua. Esse estabelecimento possibilita que o aluno perceba que as duas modalidades lingüísticas mantêm entre si uma relação de confluência, convergindo para a produção lingüística do indivíduo.

Os manuais investigados se revelaram à margem dessa confluência, visto que seus autores exploram a oralidade, geralmente, sob o aspecto de prática social, a partir do qual se estabelecem estritamente atividades como debates e dramatizações, às quais não se integra uma perspectiva textual-discursiva, que permita chegar-se à fala. Logo, nesses livros didáticos, a relação instaurada não é entre fala e escrita, mas entre oralidade e escrita.

## **Referências bibliográficas**

### **1) Coleções didáticas**

BASSI, Cristina & LEITE, Márcia. *Português: leitura e expressão*. São Paulo: Atual, 2004 (192 p., cada volume).

BOURGOGNE, Cleuza Vilas Boas & SILVA, Lilian Santos. *Interação e transformação: língua portuguesa*. São Paulo: Editora do Brasil, 2004 (135 p., cada volume).

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2004 (230 p., cada volume).

FERNANDES, Maria & HAILER, Marco Antonio. *ALP: Análise, Linguagem e Pensamento*. São Paulo: FTD, 2004 (56 p., cada volume).

PRATES, Marilda. *Encontro e reencontro em língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2004 (286 p., cada volume).

PROENÇA, Graça & HORTA, Regina. *A palavra é PORTUGUÊS*. São Paulo: Ática, 2004 (224 p., cada volume).

## 2) Bibliografia complementar

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil – gostosuras e bobices*. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1999 (174 p.).

AZEVEDO, Claudinéia B. & TARDELLI, Marlete C. *Escrevendo e falando na sala de aula*. In: GERALDI, João Wanderley & CITELLI, Beatriz (Orgs.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. V. 1. da Série “Aprender e ensinar com textos”, coordenada por Lígia Chiappini. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998 (p. 25-47).

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (421 p.).

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual – uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1988 (107 p.).

ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (88 p.).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001a (133 p.).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e ensino de língua – uma questão pouco “falada”*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português – múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001b (p. 21-34).

MILANEZ, Wânia. *Condições básicas para o ensino da oralidade em língua materna*. In: *Pedagogia do oral – condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas: Sama, 1993 (p. 23-43).

VIGOTSKY, Lev. *Pensamento e linguagem*. Trad. de Jeferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (78 p.).

**Abstract:** *This article intends to verify whether the Portuguese textbook (junior high school) have already assimilated the textual-discursive conception of orality. Taking orality as a textual-discursive practice, we can perceive the way speech and writing combine for one purpose: the linguistic production. The research has as investigation corpus six Portuguese textbook collections. Some of those collections are used by private schools teachers. Others of them are used by public schools teachers.*

*Keywords: portuguese; teaching; textbook; orality; writing.*

## ANEXO

### **“Glória”, de Carlos Drummond**

#### **de Andrade, texto utilizado em**

#### ***Português: Leitura e Expressão (7ª Série)***

- Meu filho é artista de televisão, contando o senhor não acredita. Eu mesmo às vezes penso que é ilusão. Com oito anos, imagine. Estava brincando na pracinha lá da vila quando passaram uns homens e olharam muito pra ele. Meu filho, não é pra me gabar, mas é uma lindeza de Menino-Jesus, aí um dos homens falou assim pra ele: Quer fazer um teste, ó garoto? O que é teste?, ele respondeu. Aí o homem explicou, não sei bem qual é a explicação, levaram ele pra um edifício na cidade, tiraram um bocado de retratos dele, depois falaram assim: [...] Você foi aprovado pra fazer um comercial, tá bem? Ele neca de saber o que é um comercial, nem eu, mas agora eu fiquei sabendo, é uma coisa-à-toa, a pessoa nem precisa falar, fica só fazendo uma coisa, comendo doce de leite, devagarinho, com uma carinha alegre, quando acaba passa a língua nos beiços, assim, olha, e pisca o olho, ele é tão engraçado, antes de acabar de comer ele já estava fazendo isso, um negócio. Aí mandaram ele de volta pra casa, não, antes falaram assim pra ele: manda seu pai aqui na agência receber o *cachet*. Ele ficou espantado, falou assim: que troço é esse? Eles responderam: É tutu. Aí ele baixou a cabeça e respondeu baixinho: Eu não tenho pai. E mãe você tem? Ele respondeu que mãe ele tinha, e levantou a cabeça. Então manda ela aqui, mas o garoto é esperto, deu uma de sabido: Eu mesmo não posso receber? se fui eu que fiz tudo sozinho. Não você não pode, tem que ser sua mãe, diz a ela que venha das 2 às 4, trazendo carteira de identidade. Bonito, e eu que nunca tive carteira, já pelejei pra tirar uma. [...] Vou lá na agência assim mesmo. Larguei meu serviço. Fui. Tinha um mundão de gente, eu não sabia quem é que podia me atender, andei rodando de uma sala pra outra, até que afinal um cara de bigodão, atrás da parede de vidro com um óculo no meio, falou assim: É comigo, trouxe a carteira? Eu expliquei que carteira eu não tinha, mas sou lavadeira muito acreditada na Zona Norte [...] Ele abanou a cabeça, falou assim: Nada feito, não tenho ordem de pagar sem identidade. Mas o meu filho trabalhou, moço, eles ficaram satisfeitos com o trabalho dele, tanto que prometeram pagar um tal de *cachet*, como é que pra pagar a ele é preciso a carteira de outra pessoa, o senhor acha isso direito? Ele não respondeu nada, tornou a abanar a cabeça e eu fiquei matutando: O que tu vai fazer pra sair dessa, Clementina da Anunciação? E comecei a chorar. Aí eles me viram chorando, ficaram com pena de mim, um barbudo que passava disse pro bigodão: Paga ela, Reginaldo. O bigodão resmungou: Tá legal, e me deu um papel passado em três folhas iguais, pra eu assinar nelas todas. Aí eu disse: O senhor me desculpe, mas eu não sei escrever, a cabeça não dá. Então nada feito outra vez, o bigodão respondeu. Aí eu não tinha mais vontade de chorar e disse assim pra ele: Escuta aqui, moço, quanto é que meu filho tem pra receber? Ele respondeu:

50 cruzeiros. Ah, é isso?, respondi. Pode ficar pra agência. Perdi meu dia de trabalho, gastei trem, gastei ônibus, andei a pé nesse solão, não vou me chatear por causa dessa mixaria. [...] Meu filho vale muito mais, a gente não fica mais pobre por causa disso, ele agora é artista, amanhã, se Deus e a Virgem Maria ajudar, vai ganhar milhões. Nem precisa ganhar, só o orgulho que eu sinto por ele ter passado no teste! Saí de lá com esse orgulho bonito no coração, meu filho é artista, meu filho é artista, ia repetindo sozinha, na rua me olhavam admirados, mas eu nem dei bola, fui pra casa e ligo a televisão o dia inteiro, trabalho vendo ela, até chegar a hora de meu filho aparecer no comercial comendo doce de leite. Pobre tem televisão, na vila todos têm, vai ser um estouro quando meu boneco aparecer e piscar o olho, então isso não vale mais que 50, que 500, ou cinco mil cruzeiros, ou todos os cruzeiros do mundo?

E seu rosto enrugado cintilava de glória.

(Em *De notícias & não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.)